



Inspirações Psicanalíticas - Filme Medianeras

Patrícia Lins de Paula

Psicanalista

O filme “Medianeras: Buenos Aires na Era do Amor Virtual” estreou no Brasil em 2011, sob o roteiro e direção do brilhante Gustavo Taretto. Há muito tempo um filme não me sensibiliza tanto. Aliás, ainda estou em dúvida se é de fato um filme ou uma estendida poesia urbana, de tão bem feito, tão atento aos detalhes. Para o diretor, a arquitetura influencia o nosso comportamento e altera o laço social; construções mal planejadas, portanto, podem afetar a rotina das pessoas nas grandes cidades.

O filme traz algumas narrativas super interessantes, e uma delas explica justamente o que são as “medianeras”: “Todos os edifícios, absolutamente todos, têm uma parede inútil, sem valor, que não dá para a frente nem para os fundos; são as medianeras: superfícies enormes que nos dividem e lembram da passagem do tempo, da poluição, e da transformação da cidade (...). Elas revelam nosso lado mais miserável; refletem a inconstância, os jeitinhos, as soluções provisórias; é a sujeira que escondemos debaixo do tapete. (...) Elas são convertidas em um veículo de publicidade, que em raras exceções conseguiu deixá-las mais bonitas. (...) Contra toda opressão que significa viver em uma caixa de sapatos, existe uma saída, uma via de escape, ilegal, como todas as vias de escape. Em clara contravenção às normas do código de planejamento urbano, se abrem umas minúsculas, irregulares e irresponsáveis janelas que permitem que alguns milagrosos raios de luz iluminem a escuridão em que vivemos”.



E são estes escapes, os da linguagem, da fantasia, das satisfações substitutivas, dos sonhos, que tornam a nossa vida menos pesada e sem cor.

Michel Foucault, em “Vigiar e punir: nascimento da prisão” já havia denunciado o contexto constritor e controlador, como o panóptico de Bentham, da ingênua estrutura escolar, das fábricas, dos escritórios, dos hospitais, tão próximos da prisional, das grandes cidades: um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos têm seus menores movimentos controlados, onde cada indivíduo é constantemente localizado.

No modelo freudiano, se considerarmos o desejo individual como a ressonância contínua de uma multiplicidade de desejos e experiências que nos precedem e da qual não mantemos uma representação consciente adequada, vemos que somos sempre a soma de muitos. Ou seja, essa certa opacidade em relação ao outro é da mesma distância da própria opacidade subjetiva. A distância que mantemos, enquanto sujeitos, em relação ao outro é a mesma distância que mantemos em relação a nós mesmos. Logo, o desafio é que a nossa relação individual, interna, se torne de uma alteridade radical, ou seja, nos tornamos um ser social à medida que interagimos e nos reconhecemos interdependentes do outro. Estranho admitir, mas a nossa identidade é concedida e constituída mediante o contato com o outro e, no fim das contas, e por mais incrível que pareça, este é o maior exercício de liberdade que nós podemos ter.